
A revolução não faltou ao ensaio: a cegueira branca e o risco do capitalismo atemporal

Revolution within the essay: white blindness and the threat of atemporal capitalism

Daniel Vecchio

Universidade Federal do Rio de Janeiro / FAPERJ

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n55a1397>

RESUMO

Neste estudo, iremos refletir como José Saramago, sob uma perspectiva marxiana, representa o grupo de cegos protagonizado em *Ensaio sobre a cegueira*, cegos que passam a viver de uma forma cada vez mais instintiva, a se confundir muitas vezes com o meio de vida dos antigos nômades e caçadores-coletores. Em nossa leitura, trata-se essa estratégia de uma tentativa de Saramago representar não somente um momento regressivo fundamentado na “arracionalidade” humana, mas sobretudo um momento pós-revolucionário com base na noção de “comunidade espontânea” que Marx utiliza para pensar as esferas profissionais das famílias ou tribos pré-capitalistas. Com isso, veremos que a nova sociedade representada no final do romance se vê potencialmente livre das imposições do estado e do mercado, o que convida o leitor a uma retomada utópica a partir da gênese de um novo organismo representado pelo grupo de cegos, nos apontando, assim, para outras formas possíveis de se relacionar em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo; Revolução; Sociedade industrial; Narrativa saramaguiana; Representação.

ABSTRACT

In this study, we will reflect on how José Saramago, from a Marxian perspective, represents the group of blind people in *Blindness*, whose members begin to live in an increasingly instinctive way, often confusing themselves with the way of life of nomads. In our view, this strategy is an attempt by Saramago to represent not only a regressive moment, but above all a post-revolutionary moment based on the notion of “spontaneous community” that the German philosopher uses to think about the professional spheres of pre-capitalist families or tribes. As a result, we see that the new society represented at the end of the novel is freed from the impositions of the state and the market, which leads to a utopian revival based on the genesis of a new organization, in consideration to the blind people, pointing to other possible ways of social relation.

KEYWORDS: Capitalism; Revolution; Industrial society; Saramaguian narrative; Representation.

A DOMESTICAÇÃO DOS SUJEITOS EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Neste estudo, iremos refletir como José Saramago se debruça sobre Karl Marx para representar, no final de *Ensaio sobre a cegueira* (1995), a passagem do capitalismo para uma incipiente era pós-revolucionária de um país anteriormente industrializado, retomando, para tanto, a noção de “comunidade natural-espontânea” que o filósofo alemão utiliza para pensar as esferas profissionais das famílias ou tribos pré-capitalistas. Com essa noção marxiana, Saramago representa o grupo de cegos protagonizado no citado romance, cujos componentes viviam de uma forma cada vez mais instintiva, a se confundir muitas vezes com o meio de vida dos nômades e caçadores-coletores.

Em nossa leitura, no entanto, trata-se essa estratégia de uma tentativa de Saramago representar não apenas um momento regressivo da sociedade contemporânea, mas um esperado momento pós-revo-

lucionário que altera as condições sociais e os modos de produção. Após o percurso capitalista que se intensificou após as revoluções da segunda metade do século XX, a nova sociedade representada no romance se vê finalmente livre das imposições do estado e do mercado, o que proporciona aos personagens uma nova oportunidade de organização social. Com tal desfecho, veremos como nas páginas finais de *Ensaio sobre a cegueira* há uma retomada utópica a partir da gênese de um novo organismo comunitário, tendo em vista que os diversos componentes do grupo de cegos surgem com outras aspirações e apontam incipientemente para outras formas de se relacionar em sociedade, superando o que Saramago identifica como base dessa cegueira branca e que ele denominará de “arracionalismo”.

Sob tal fundamento, o premiado romance de 1995 narra os eventos decorrentes de uma inexplicável cegueira epidêmica que acomete os habitantes de uma cidade não identificada, o que acaba por incitar uma abertura à revolução. A narrativa acompanha um grupo de cegos liderados pela “mulher do médico”, única personagem capaz de enxergar os conflitos que se sucedem na história e que, por isso, em muitas ocasiões, promove uma verdadeira resistência comunal em cenários cada vez mais perversos. O grupo liderado por essa personagem passa a ficar reunido após uma gama de cegos serem isolados em um manicômio, ambiente que reflete o tratamento desumano dado à epidemia pelo governo, revelando ao leitor esse e outros microcenários representantes de toda uma imagética religiosa, apocalíptica e distópica da narrativa.

A posição de mulher do médico não parece ter sido escolhida pelo autor aleatoriamente. No *Novo Testamento*, Jesus, que curava milagrosamente as doenças da população das cidades por onde passava, incluindo a própria cegueira, ao retornar a Nazaré fora atacado pelos judeus e romanos com a expressão “Médico, cura-te a ti mesmo” (Lucas, 1989, 4:23), expressão que critica o líder religioso e o aconselha

para que veja primeiro seus próprios defeitos (ou sua cega soberba de se autointitular rei de Israel) antes de criticar ou pretender curar a cegueira dos outros, retaliando, assim, a ação para a cura social que intentava promover. Depois de publicar o *Evangelho segundo Jesus Cristo* em 1992, em seu romance seguinte, Saramago aproveita a expressão não para eleger um devotado médico curativo, como foi Jesus para aquela antiga sociedade do Oriente Médio, mas a mulher do médico que, como tal, suportou e suporta todas as mazelas de uma sociedade cegamente misógina.

Certo é, no entanto, que, apesar desse e de outros intertextos presentes, *Ensaio sobre a cegueira* demonstra que sua narrativa foi construída

por uma experiência de longa porfia imaginativa, o que colocou o romancista diante de muitos impasses que poderiam ser, se não resolvidos adequadamente, capazes de fazer a narrativa romper em definitivo com o fundamental exercício da *mimesis*, a verossimilhança, logo com o pacto narrativo [apresentado em romances do ciclo anterior] (Neto, 2020, p. 19).

O próprio autor reconhecia que esse romance de 1995 foi uma espécie de “divisor temático e estilístico de sua produção literária” (Chauvin, 2020, p. 22), marca de uma transição escritural já explorada pelo autor na conferência da Universidade de Turim intitulada “Da estátua à pedra”¹, transição que “lhe exigiu uma outra operação,

¹ Em abril de 1998, a Universidade de Turim recebeu José Saramago para uma conferência que foi transcrita com o título “Da estátua à pedra”, que aborda a reflexão do autor sobre a sua própria trajetória literária de modo como nunca havia sido feito. Nessa conferência, Saramago explica que, a partir de *Ensaio sobre a cegueira*, sua produção passou a se interessar mais verdadeiramente pelo interior das pessoas, ou seja, pelo interior das pedras, perpassando por assuntos ou temas menos históricos e mais universais. A conferência pode ser lida na

‘penetrar a fundo na singular matéria da estátua’. O que se opera (...) é uma transferência de focalização que deixa de ser do comunitário ao indivíduo para o seu contrário” (Neto, 2020, p. 16-17).

Nesse sentido, segundo Chauvin (2020, p. 22), a partir do *Ensaio sobre a cegueira*, “[...], chegara a vez de questionar a identidade e os papéis de um punhado de indivíduos – irmanados pela condição de se tornarem cegos, de um momento para o outro, sem qualquer diagnóstico que o explicasse fisiologicamente”. Ressalta-se, com tal cegueira ficcional, que as interrogações identitárias na sociedade moderna tornam-se latentes nas diversas expressões humanas devido principalmente às indiferenças institucionais, pois, “em sociedades que aniquilam o pensamento ou a livre ideologia, que (...) mantêm os indivíduos (iludidos com) prazeres mundanos ou (...) presos a lutas pela sobrevivência, os elementos micro são ultrapassados pelo macro” (Baltazar, 2014, p. 240).

Nessa perspectiva macroespacial, por conseguinte, ausentam-se os nomes, os lugares e os períodos temporais específicos dos acontecimentos, tornando tais categorias mais universalmente representadas. É como se a anulação do nome e da identidade dos sujeitos ocorresse paralelamente ao afastamento civilizacional e a degradação das condições de vida:

[...] [t]ão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nós chamamos, e para que, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhe foram postos, é pelo cheiro que identifica ou se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de

íntegra no livro que leva o mesmo título que foi publicado pela UFPA e pela Fundação José Saramago em 2013.

cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse, eu ainda vejo, mas até quando (Saramago, 1995, p. 64).

Para Chauvin (2020, p. 32), na falta de *Todos os nomes*, como aponta o título de um de seus famosos romances, “assoma o espaço (que se torna uma) espécie de vetor narrativo”. A cidade que serve de cenário ao romance não acusa explicitamente uma localização específica, sendo todas e nenhuma ao mesmo tempo, como

a avenida onde a epidemia tem início, as residências das personagens, o consultório do oftalmologista, os estabelecimentos ocupados pelos cegos, a praça e, finalmente, o manicômio – instituição que surge como (fronteira) [...] entre o que é considerado racional e o que não é [...] (Ferreira, 2022, p. 2)

Sobre tal marca da ausência nomeadora, Saramago não guarda ressalvas:

decidi que não haverá nomes próprios no *Ensaio*, ninguém se chamará António ou Maria, Laura ou Francisco, Joaquim ou Joaquina. Estou consciente da enorme dificuldade que será conduzir uma narração sem a habitual, e até certo ponto inevitável, muleta dos nomes, mas justamente o que não quero é ter de levar pela mão essas sombras a que chamamos personagens, inventar-lhes vidas e preparar-lhes destinos. Prefiro, desta vez, que o livro seja povoado por sombras de sombras, que o leitor não saiba nunca de quem se trata, que quando alguém lhe apareça na narrativa se pergunte se é a primeira vez que tal sucede, se o cego da página cem será ou não o mesmo da página cinquenta, enfim, que entre, de facto, num mundo dos outros, esses a quem não conhecemos, nós todos (Saramago, 1997, p. 101-102).

A identidade dos cegos é reduzida, no romance, às suas funções, entre as quais se destaca o médico, o oftalmologista, a prostituta, a rapariga de óculos escuros etc. Se em *Manual de pintura e caligrafia* (1983), publicado originalmente entre os anos de 1976 e 1977, os personagens, que também não são nomeados, se orientam, a partir de suas iniciais (como o personagem H.), em direção a uma inicial busca identitária após décadas de opressão salazarista, em *Ensaio sobre a cegueira*, sem nomeá-los com uma única letra e ao privilegiar apenas o ofício para identificar seus personagens, Saramago representa o contexto já reificante das comunidades contemporâneas, em que o *status quo* das indústrias e suas funções tornam-se a principal base do (não) reconhecimento social.

No entanto, o fato de *Ensaio sobre a cegueira* não ter sido respaldado por identidades e registros de época, não impede que nos familiarizemos com a situação temporal e espacial da contemporaneidade em que se desdobram conflituosamente seus personagens. Como se pode notar, o romance abriga as consequências dos aparentes valores de troca do capital sob o influxo do neoliberalismo, colocando-os em questão:

[...] não havendo mais quem se atrevesse a conduzir um veículo, nem que fosse para ir daqui ali, os automóveis, os camiões, as motos, até as bicicletas, tão discretas, se espalhavam caoticamente por toda a cidade, abandonados onde quer que o medo tivesse tido mais força que o sentido de propriedade (Saramago, 1995, p. 127).

Logo, a despeito de figurar uma condição caótica por decifrar, concordamos com Chauvin que “[...], o *Ensaio* reverbera as matrizes da ficção saramaguiana em firme contraposição aos dogmas, ao poder e aos ditames do capital” (Chauvin, 2020, p. 24). Maria Alzira Seixo já havia se atentado para “[...] o carácter indefinido do sentido alegórico da obra, que prolonga decerto uma tendência abertamente

manifestada em *A jangada de pedra*, mas que, em *Ensaio sobre a cegueira*, é de carácter abstrato e polivalente, podendo fundamentar [...] a inoperância dos sistemas democráticos” (Seixo, 1999, p. 99). Ou seja, a obra em análise é claramente caracterizada pela reificação dos indivíduos, pelo “protagonismo de temas que se referem ao crescente paradigma industrial da sociedade contemporânea” (Ferreira, 2022, p. 1), em que representações genéricas vão tecendo problemáticas atuais diversas, “como a epidemia da cegueira, bem como o voto universal em branco de *Ensaio Sobre a Lucidez* (2004) e o fim da morte de *As Intermittências da Morte* (2005), [...]” (Ferreira, 2022, p. 1-2).

Sendo assim, trata-se a obra de 1995 de um ensaio alegórico do nosso momento atual, cuja sociedade perdera a capacidade de reparar no mundo que a rodeia, como sugere o “Livro dos Conselhos”, livro imaginário elencado para alertar a turbulência distópica pela qual os personagens passariam, talvez algo similar a mesma “cegueira de Portugal, que em 1991 impedira o escritor de concorrer a um prêmio literário internacional” (Chauvin, 2020, p. 24). Essa e outras intervenções de Saramago continuam a erigir o seu carácter ensaístico, contribuindo para reflexões acerca do paradigma industrial da sociedade contemporânea.

A sociedade industrial e a epidemia branca representada no romance convergem, portanto, nas cenas em que os sujeitos surgem apartados uns dos outros e, sobretudo, “cegos por ver demais e enxergar de menos; ou por serem expostos a um mundo em que não conseguiam discernir o que fosse mais relevante” (Chauvin, 2020, p. 34). Por meio dessa cegueira fictícia, Saramago realça uma cegueira real, elucidando momentos em que

as personagens percebem que não é a cegueira branca que os faz cegos, pois já não enxergavam anteriormente [...]. A cegueira revela nada mais que o imobilismo de uma domesticação dos sujeitos,

uma falência de qualquer ímpeto de transformação, uma dessensibilização humana [...] (Ferreira, 2022, p. 2).

Um mundo cada vez mais dividido e programado pelo medo, não pode obter outro tipo de desdobramento a não ser esse representado no romance, onde

o medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos, Quem está a falar, perguntou o médico, Um cego, respondeu a voz, só um cego, é o que temos aqui. Então perguntou o velho da venda preta, Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira. Ninguém lhe soube responder (Saramago, 1995, p. 131).

A CEGUEIRA NA PERSPECTIVA DA “ARRACIONALIDADE” HUMANA

O principal aspecto a ser levado em conta na construção das personagens do romance *Ensaio sobre a cegueira* é não terem cegado fisicamente, porque, como “cegos que veem”, já viviam cegas perante si e o mundo. Com essa trama nuclear, o romance se torna uma potencial fonte de discussões acerca da inteligência humana, visto que, com ela, Saramago nos apresenta uma conclusão ímpar sobre a racionalidade: a cegueira branca não é ausência de racionalidade, mas justamente produto dela, sendo a grande responsável pela cegueira que nos assola. Nesse sentido, Saramago defende que “não usamos a razão para defender a vida; usamos a razão para destruí-la de todas as maneiras – no plano privado e no plano público” (Saramago *apud* Ferreira, 2022, p. 3).

Foi na ocasião em que o escritor almoçava sozinho na tasca Varina da Madragoa, em Lisboa, que lhe veio o título do livro, seguida da seguinte interrogação: “e se todos ficássemos cegos’ para logo se apresentar a hipótese ‘nós, no que toca à razão, estamos cegos’, recu-

perando aqui a entrevista para a *Folha de São Paulo*, de 18 de outubro de 1995” (Neto, 2020, p. 17). Para o autor do *Ensaio*, cabe a nós, leitores, discutir como a cegueira pode estar inserida em nossa sociedade enquanto manifestação estruturalmente maléfica. Tal é o tema explorado pelo romance de José Saramago, que revisita criativamente o debate da modernidade relativamente à natureza originalmente bondosa ou maléfica do ser humano, realçando

[...] os partidários de Thomas Hobbes (‘O homem lobo do homem’), crentes na segunda tese, defensores de um Estado forte (a alegoria do Leviathã), fautor de uma sociedade civil baseada na ordem e segurança, contra os de Jean-Jacques Rousseau, crente na natureza bondosa do homem e na substituição da Queda do pecado original cristão (Santo Agostinho) por uma queda (declínio ou decadência) efectuada pelos constrangimentos civilizacionais (propriedade privada, desigualdade social...) (Real, 2020, p. 24).

Alinhado a esse debate promovido desde os primeiros séculos da modernidade, em defesa da bondade humana, o *Sermão da sexagésima*, do Padre Antônio Vieira, pregado na Capela Real de Lisboa em março de 1655, reabre uma série de reflexões sobre a eficácia do pregador ante a cegueira e a surdez de seus ouvintes:

para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho, e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma senão entrar um homem dentro em si, e ver-se a si mesmo? (Vieira, 1965, p. 3).

Distintamente de Vieira, em Saramago encontramos uma inversão desse tipo de cegueira, em que o excesso de luz ou mesmo de sabedoria é o que incita as mais cruéis ignorâncias, imprimindo uma cegueira maléfica e intencional praticada pelos humanos. É partin-

do dessa ponderação filosófica hobbesiana que Miguel Real compreende a noção “arracional”, referida por Saramago em diversos meios de comunicação, para explicar o fundamento de sua obra publicada em 1995: “a nossa razão não é usada racionalmente. Nem sequer nos comportamos como irracionais. Mas como qualquer coisa que está entre o racional e o irracional. Como ‘arracionais’. Não sei se esta palavra existe, mas quero introduzir esta categoria [filosófica]” (Saramago *apud* Real, 2020, p. 24).

Com esta categoria, Saramago sintetiza esteticamente uma espécie de mal-estar na civilização, constituindo “metaforicamente a cegueira branca como uma forma não de perversão ou entorse da razão, mas de destino inescrutável da civilização cristã, europeia e racional – de sonho moderno, o racionalismo, [...], [para quem] a Razão tornou-se um verdadeiro pesadelo” (Real, 2020, p. 25). Com um romance que vai além desse mal-estar civilizacional, a lição principal da obra saramaguiana consiste no exercício de fazer seus principais personagens se sentirem responsáveis um pelo outro: “se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais” (Saramago, 1995, p. 66), sentencia a mulher do médico ao incitar “um mínimo de humanidade num território tomado pela força instintiva [...]” (Neto, 2020, p. 20-21).

Diante desse e outros alertas, é possível interpretarmos o grupo protagonista do romance, liderado pela mulher do médico, como um grupo de resistência ante ao estado distópico descrito por toda a obra, inclusive nas cenas em que se encontram confinados no hospício, momento no qual o grupo tenta manter o mínimo senso de convivência mútua, provocando no romance uma intercalação entre a representação de momentos de opressão e de vínculo comunal. O desafio se instala, portanto, quando tal grupo enfrenta uma cegueira

de razão, estágio de não lucidez que levou a cidade representada no romance a uma desumanização generalizada.²

Com efeito, tal cegueira surge sem anúncios, sob um aparente desenvolvimento industrial altamente sectarizado e de limitado horizonte comunal. Esse diagnóstico cético apresentado nas páginas de *Ensaio sobre a cegueira* foi muito traduzido por certo desencanto por parte da crítica, todavia, foi para evidenciar a decadência ética em que vive nossa sociedade que “Saramago insistia em fazer constar a maldade, suscitada pelo egoísmo, a crueldade, a intolerância, a injustiça e a violência exercida sobre o resto dos congêneres, que caracteriza nossos comportamentos, à margem de outras considerações” (Aguilera, 2010, p. 143).

Tais denúncias servem para Saramago demonstrar a necessidade de defender o uso da crítica e do raciocínio como faculdade pessoal

² “Visões como esta são signatárias [da ausência] de um projeto de desenvolvimento baseado na racionalidade que encontra sua melhor expressão no ‘Esclarecimento’ (*Aufklärung*): ‘Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado’ (Kant, 1985, p. 100). Através do entendimento, o sujeito do Esclarecimento kantiano possuiria todas as ferramentas para desvencilhar-se da menoridade, a incapacidade de fazer uso de sua razão de maneira autônoma, e embarcar na autonomia, estado oposto. É a partir desta concepção que a cegueira da obra pode ser interpretada como a queda de uma sociedade esclarecida nas ruínas de um obscurantismo irracional, onde toda a imagética apocalíptica da vida no manicômio e pós-manicômio contribuem, anunciando uma derrocada à barbárie. [...], o projeto do Esclarecimento guarda em seu seio a subversão da razão, e a cegueira surge da lucidez assim como o regresso do obscurantismo surge do progresso do Esclarecimento: ‘[...] a adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão’ (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 41)” (Ferreira, 2022, p. 3).

capaz de reavaliar as relações e de reorganizar as convivências sociais. Desse modo, pode-se afirmar que o

humanismo e o pensamento ilustrado constituem dois pilares fundamentais da concepção saramaguiana do mundo. Racionalista impenitente e materialista militante, ele elaborou um verdadeiro programa de pedagogia social com o propósito de mostrar os estragos derivados da irracionalidade (Aguilera, 2010, p. 131).

Com o fracasso ou mesmo a negação da razão no mundo contemporâneo, vivemos seus efeitos cada vez mais devastadores na vida dos indivíduos e das coletividades, efeitos que, no romance, são levados às últimas consequências:

foi à mesa que a mulher do médico expôs o seu pensamento, Chegou a altura de decidirmos o que devemos fazer, estou convencida de que toda a gente está cega, pelo menos comportavam-se como tal as pessoas que vi até agora, não há água, não há electricidade, não há abastecimentos de nenhuma espécie, encontramos-nos no caos, o caos autêntico deve de ser isto, Haverá um governo, disse o primeiro cego, Não creio, mas, no caso de o haver, será um governo de cegos a quererem governar cegos, isto é, o nada a pretender organizar o nada, Então não há futuro, disse o velho da venda preta, Não sei se haverá futuro, do que agora se trata é de saber como poderemos viver neste presente, Sem futuro, o presente não serve para nada, é como se não existisse, Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser humanidade, o resultado está à vista, qual de nós se considerará ainda tão humano como antes cria ser (Saramago, 1995, p. 142-143).

As consequências desse conflito remontam à grande alegoria do romance *Ensaio sobre a cegueira*, narrativa que nos descreve uma cidade assolada pela cegueira branca que afeta as relações humanas, evidenciando, assim, o crescimento significativo das injustiças co-

metidas pelos indivíduos e pelas instituições, cenário que sedimenta o caos:

[...], mas quem nos diz a nós que esta cegueira branca não será precisamente um mal do espírito, e se o é, ponhamos por hipótese, nunca os espíritos daqueles cegos estiveram tão soltos como agora estão, fora dos corpos, e portanto mais livres de fazerem o que quiserem, sobretudo o mal, [...] (Saramago, 1995, p. 90).

Caminhando em direção a uma conjuntura similar à vivida, Saramago não viu outra saída senão alertar sobre a necessidade de defender os direitos e os deveres humanos por meio, também, da literatura, defesa de um “projeto de regeneração política, social e humana –, fortalecimento garantidor da racionalidade. A confiança na razão acionava sua maquinaria de leitura pessoal do mundo, [...]” (Aguilera, 2010, p. 132). Logo, o âmago do *Ensaio sobre a cegueira* parece mesmo se centrar na crítica da negação da razão, como tem afirmado o próprio escritor em muitas de suas entrevistas:

o tema da cegueira tem que ver com uma convicção minha, que nós, no que toca à razão, estamos cegos. Uma vez que decidimos que somos os únicos seres racionais na face da Terra, o que foi uma decisão nossa, ninguém veio cá de fora, vindo de outro planeta ou de outro sistema, dizer que nós somos racionais. No meu entender, nós não usamos racionalmente a razão. É um pouco como se eu dissesse que nós somos cegos da razão. Essa evidência é que me levou, metaforicamente, a imaginar um tipo de cegueira, que, no fundo, existe. Vou criar um mundo de cegos porque nós vivemos efetivamente num mundo de cegos. Nós estamos todos cegos. Cegos da razão. A razão não se comporta racionalmente, o que é uma forma de cegueira (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 133-134).

Para a continuidade do desenvolvimento desse eixo que poderíamos chamar aqui de “cegueira da razão”, convocamos ao corpo

da nossa análise as falas de uma outra entrevista de Saramago ao jornal *Expresso* de Lisboa, em que o autor diz claramente acerca da “arracionalidade” dos humanos, ou seja, daqueles que persistem em negar a racionalidade e viver sem o uso da razão, como os muitos negacionismos que até hoje se espalham como uma epidemia entre nós: “há um morrer de cegueira, que é um morrer de quem não usa a razão para viver” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 133). Mais adiante, na mesma entrevista, Saramago acrescenta: “descobri que existe a palavra ‘moral’, ‘imoral’ e ‘amoral’. Existe a palavra ‘racional’, ‘irracional’, mas parece que não existe a palavra ‘arracional’. Nós somos seres arracionais” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 133), ou seja, seres que negam a razão.

Diante de tais assertivas, é preciso salientar as bases desse “arracionalismo” saramaguiano como ponto determinante da obra romanesca em análise, nos legando uma sugestiva tensão entre os ensaios da cegueira e da lucidez:

neste sentido, uma razão que não é conservadora da vida, uma razão que não defende [lucidamente] a vida, uma razão que (pondo a coisa num terreno mais prático, mais lhano, mais imediato) não se orienta para dignificar a vida humana, para respeitá-la, muito simplesmente para alimentar o corpo, para defender da doença, para defender de tudo o que há de negativo e que nos cerca, e que desgraçadamente é também produto da razão, é uma razão de que se faz um mau uso. Se o homem é um ser racional e usa a razão contra si mesmo – um contra si mesmo representado pelos seus semelhantes –, então de que é que serve a razão? (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 134).

Em síntese, o que Saramago quer nos alertar é que, quando a razão não serve à ética, ela infelizmente se transforma em uma arma destrutiva, por isso a necessidade de se pensar, hoje, no resgate do indivíduo e seu horizonte social nas formas de ser e estar no

mundo, promovendo uma existência de modo comunal. As sucessivas representações do espetáculo do mundo desumanizado são uma demonstração evidente do diagnóstico traçado por José Saramago sobre a nossa sociedade em sua literatura.

Mas, mesmo diante de diagnósticos negativos sobre o mundo atual e futuro, o pessimismo de Saramago não deve ser confundido com o niilismo. Saramago apenas quis se valer de sua resistência crítica para “elaborar propostas com as quais contribua para superar a paisagem deteriorada que sua percepção e elaboração intelectual desenhavam. [...], tudo isso o deixava distante de qualquer posição passiva ou de capitulação melancólica” (Aguilera, 2010, p. 137). Por isso, mais do que pessimista, Saramago era convicto da ausência de razão e crítica entre os indivíduos e achava que podia contribuir com suas obras para um momento de maior reflexão, participação e alteridade.

Isso corrobora suas palavras proferidas em uma breve autocrítica, que diz o seguinte: “o retrato fiel do que sou, Gramsci deixou escrito: ‘Pessimista pela razão, otimista pela vontade’. Isso diz tudo” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 140). Para o escritor português, portanto, só assim exerceremos uma democracia plena, em que indivíduo e sociedade estejam colaborativamente conectados a partir de suas respectivas razões e vontades, que juntas fazem voar passarolas, como bem nos ensinou o autor no romance *Memorial do convento* (1982).

CINQUENTA TONS DE BRANCO: CAPITALISMO E ESTADO DE VIOLÊNCIA COMO SINTOMAS DA CEGUEIRA CONTEMPORÂNEA

Com a categoria “arracional”, José Saramago nos lega uma chave de leitura significativa do *Ensaio sobre a cegueira*, demonstrando, com ela, o equilíbrio sutil que o escritor pregou entre Hobbes e Rousseau para refletir sobre a tensão entre a maldade e a bondade dos humanos. Em síntese, “para Saramago, o homem não é exclu-

sivamente mau, nem totalmente bom: o homem é um animal com muitos defeitos e algumas qualidades” (Real, 2020, p. 25).

Sob essa perspectiva, o *Ensaio* inicia-se desde suas primeiras páginas a partir de uma violentíssima denúncia e crítica contra os governos atuais que

mais privilegiam a segurança em detrimento da liberdade e da inclusão de minorias, procedendo, face à horda involuntária de ‘cegos’, como o Estado medieval procedia com os leprosos, [...] encerrados em gafarias, [sob baixas] condições de higiene e poucos recursos alimentares, [...] (Real, 2020, p. 26).

Desse modo, a cegueira evidencia gradativamente o desamparo e o abuso correndo lado a lado, até que a “realização dos instintos mais baixos os bestializa” (Chauvin, 2020, p. 31).

Tal circunstância desponta a partir do momento em que, para tentar tomar o controle da epidemia, põe-se em prática uma política de encarceramento dos cegos infectados, isolando-os em um manicômio:

agora falta decidir onde os iremos meter, senhor ministro, [...], De que possibilidades imediatas dispomos, quis saber o ministro, Temos um manicômio vazio, devoluto, à espera de que se lhe dê destino, umas instalações militares que deixaram de ser utilizadas em consequência da recente reestruturação do exército, [...] (Saramago, 1995, p. 22).

Quando a epidemia se alastra de modo irremediável, os manicômios não são mais suficientes para esconder o mundo infectado pela cegueira. Nesse momento, é invocado o estado de exceção e a vida dos cegos perde o pouco valor que ainda possuía, passando o estado da política de encarceramento à política de extermínio:

a política de encarceramento utilizada pelo estado logo transforma-se em política de extermínio, e é no raciocínio dos infectados que ela se anuncia: Viram os corpos amontoados, o sangue sinuoso alastrando lentamente no chão lajeado, como se estivesse vivo, e as caixas da comida. A fome empurrou-os para fora, estava ali o ansiado alimento, é verdade que era destinado aos cegos, o deles seria trazido a seguir, de acordo com o regulamento, mas agora o regulamento que se lixasse, ninguém nos vê, e candeia que vai adiante alumia duas vezes, já o disseram os antigos de todos os tempos e lugares, e os antigos não eram pecos nestas coisas (Saramago, 1995, p. 90).

A violência, assim como o egoísmo, mostra-se, a cada cena, em uma vertiginosa crescente. Com efeito,

a política de extermínio do estado não se manifesta apenas nas mortes causadas diretamente pelo próprio exército, mas também naquelas decorrentes do encarceramento no manicômio. O processo de animalização dos cegos resulta na selvageria que emerge a partir do momento em que um desnível de poder é manifestado (Ferreira, 2022, p. 5).

Por isso, se o mundo antes do confinamento apresentava as condições para o surgimento da cegueira, a vida no manicômio apresenta, por sua vez, a sua efetivação enquanto barbárie: “se não podemos confiar uns nos outros, aonde é que vamos parar, perguntavam uns, retoricamente, ainda que cheios de razão, [...] um barbarismo que só espera ser perdoado pelo facto de vir tão a propósito” (Saramago, 1995, p. 59).

Em outros termos, aquela alienação que observamos no surgimento da cegueira, manifestada com apatia, atinge, no manicômio, sua forma final sob a animalização que marca a vida cerceada, pois co-

loca frente a frente loucos e cegos na tentativa de dissolução de uma micro humanidade resistente:

os loucos não são homens que perderam a razão, mas animais dotados de uma ferocidade natural que precisa ser fisicamente coagida. Despojando o homem de sua humanidade (isto é, racionalidade), a loucura o coloca em relação direta com a animalidade. E esta protege o louco contra as doenças, a fome, o calor, o frio, a dor, em suma, contra todas as misérias da existência. Consequentemente, os loucos não requerem proteção. Como os animais, eles receberam da natureza o dom da invulnerabilidade. Nesse sentido, eles não precisam ser curados (a loucura não é doença), nem corrigidos (ela não é desvio). Para ser dominada, a loucura deve ser domesticada e embrutecida, pois a sua natureza é diferente da natureza do homem (Ferreira, 2022, p. 5-6).

Apesar da resistente humanidade entre os integrantes do grupo protagonista, a vida no manicômio representa o ápice do processo de desumanização conforme aponta Sandra Ferreira, em que o uso da razão para destruir a vida torna-se mais explícito com “o problema do saneamento, do racionamento de alimentos, do furto dos alimentos pelos cegos malvados e do estupro das mulheres, problemas que escancaram a exploração do sujeito como núcleo paradigmático da sociedade [misógina e] industrial” (Ferreira, 2022, p. 5-6).

A violência institucional, que desencadeia toda essa situação, segue seu ritmo desde as primeiras triagens da epidemia, a proliferar suas aparentes e ineficazes políticas de contenção, que gerava ainda mais desigualdade e violência:

a violência, assim como o egoísmo, é altamente contagiosa. Nesse instante ouviu-se uma voz forte e seca, de alguém, pelo tom, habituado a dar ordens. Vinha de um altifalante fixado por cima da porta por onde tinham entrado. A palavra Atenção foi pronunciada três vezes, depois a voz começou, O Governo lamenta ter sido

forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece verificar-se algo de semelhante a um surto epidémico de cegueira, provisoriamente designado por mal-branco, e desejaria poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos para estancar a propagação do contágio (Saramago, 1995, p. 49-50).

Trata-se, na leitura de Chauvin, da disseminação “do falso bem-estar coletivo: [...]” (Chauvin, 2020, p. 29-30) que, como não poderia deixar de ser, profere “a falácia empenhada pelos medíocres porta-vozes” do Estado: “o Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades [...], pensando também que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional” (Saramago, 1995, p. 194). José Saramago evidencia, em tais cenas, a estratégia ou o lugar-comum de um fascismo que se dizia composto por homens de bem, que combateu possíveis revoluções por meio de um discurso representativo do poder a reverberar uma panaceia aparentemente reconciliadora e contrarrevolucionária que se traduz na “promessa não concretizada pelos países que se intituam como democráticos” (Chauvin, 2020, p. 27), instaurando um lugar em que “o sol não nasce ao mesmo tempo para todos os cegos” (Saramago, 1995, p. 195).

Na cidade arrasada pela cegueira, “não há lei e nem ‘vantagem’ do estado social: nenhum tem demais e eles não têm coisa alguma, ao menos nada além do próprio corpo” (Ferreira, 2022, p. 8). Como se revela nas linhas do romance, “o medo cega [...] já éramos cegos no momento em que cegámos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (Saramago, 1995, p. 131). Diante dos “arracionalismos” diagnosticados da humanidade, “*Ensaio sobre a cegueira* torna-se um lugar de abjecção, de degradação das relações humanas em ce-

nários de barbárie que transformam a existência em animalidade [...]” (Baltazar, 2014, p. 236). Logo, no decorrer da narrativa, surge de forma persistente o carácter distópico das cenas em que “a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança” (Saramago, 1995, p. 204) e “estes cegos não o são apenas dos olhos, também o são do entendimento” (Saramago, 1995, p. 213).

A decisão da mulher do médico em confirmar a sua cegueira, mesmo sem assim estar, para poder acompanhar a ida do marido ao manicômio, ressalta contrariamente o carácter humanizador da protagonista do romance, que se aproxima da personagem Blimunda, de *Memorial do convento*, visto que será a única a ver por dentro o “horror” (Saramago, 1995, p. 97) de tudo e de todos. Com a propagação da cegueira e com a entrada de inúmeros cegos no manicômio, a mulher do médico sinaliza que “o inferno prometido vai principiar” (Saramago, 1995, p. 72). Sob uma descontrolada epidemia, a cidade chega ao seu limite. Nesse momento, marca-se o fim da propriedade privada e pessoal, suprime-se a base organizativa da sociedade de mercado fundada na sobrevivência individual, como é ressaltado na seguinte passagem:

nenhum dos nossos cegos se lembrou de perguntar como é que vão navegando os outros grupos, se também andam assim atados, por este ou outros processos, mas a resposta seria fácil, pelo que se tem podido observar, os grupos, em geral, salvo o caso de algum mais coeso por razões que lhe são próprias e que não conhecemos, vão perdendo e ganhando aderentes ao longo do dia. Há sempre um cego que se tresmalha e se perde, outro que foi apanhado pela força da gravidade e vai de arrasto, pode ser que o aceitem, pode ser que o expulsem, depende do que traga consigo (Saramago, 1995, p. 249).

Como sobreviventes das consequências político-económicas da contemporaneidade, José Saramago evidencia suas personagens por

meio dos medos, das vacilações e das inseguranças vividas a cada página deste *Ensaio*, mediante os confrontos decisivos que permanecem sem um argumento final, o que sedimenta, por hora, o desalento e a desesperança relativamente aos triunfos revolucionários. Esse caos por decifrar, revela-se como consequência possível do fato de “a classe operária ter faltado ao encontro com a História. [...] O tema do intervalo histórico de sua intervenção de 100 ou 200 anos merece alguma reflexão” (Arcary, 2004, p. 220), algo que nos suscite a pensar na cegueira humana em que vivemos.

São mais de uma centena de anos passados desde que Marx sentenciou o momento da crise final do capitalismo, além disso, são décadas passadas desde a última revolução proletária (a chinesa em 1949), lapsos que revelam como tem sido longa a cegueira que nos acomete tal qual as personagens do romance saramaguiano, que suportam a “demora aparentemente insignificante” (Saramago, 1995, p. 8) dos engarrafamentos de carro que a prenuncia. Mesmo assim tudo ainda caminha como um grande ensaio para o fim do mundo:

essas posições não surpreendem em períodos de refluxo prolongado, ou depois de derrotas muito sérias. [...]; é porque são grandes que as transformações históricas foram, senão lentas, quase sempre dolorosas. [...]. São, em geral, necessários grandes intervalos de tempo para que a classe trabalhadora possa recuperar a confiança em suas próprias forças e encontrar disposição para arriscar de novo, pela via da organização coletiva, da solidariedade de classe e da mobilização de massas (Arcary, 2004, p. 220-221).

Seguindo por essa trilha crítico-reflexiva, Saramago sugere uma saída para o marxismo ao sugerir no desfecho de *Ensaio sobre a cegueira* um grupo de trabalhadores cegos, que, mesmo sob todas as condicionantes, mais cedo ou mais tarde se veria diante de uma alternativa: o sentido comunitário como caminho de abertura para a

tão esperada revolução social. Logo, diante de um prolongado estágio de cegueira,

[...] toda a sociedade mergulha em uma vertigem da qual não poderá emergir sem grandes convulsões e mudanças. E, se esse sentimento for compartilhado por milhões, então essa força social transforma-se em força material, em uma força material terrível, maior do que os exércitos, do que as polícias, do que as mídias, as igrejas, maior do que tudo, quase imbatível. Esses momentos são as crises revolucionárias (Aracary, 2004, p. 221-222).

Em consonância com o romance saramaguiano, é possível identificar inúmeros balanços críticos como aqueles emitidos por Frederic Jameson e Enzo Traverso, em que afirmam que

hoje, o fim do mundo é mais fácil de se imaginar do que o fim do capitalismo. [...], quando o liberalismo e a sociedade de mercado foram apresentados como o horizonte natural e insuperável da humanidade, a [distopia surge para revelar] um novo e diferente modelo de sociedade (Traverso, 2012, p. 411).

O irrefreável capitalismo, cuja “revolução faltou ao ensaio”, foi uma das teses mais debatidas na historiografia das últimas décadas, levando muitos a refletirem sobre “os desencontros havidos entre os revolucionários e a revolução que não foram, de fato, incomuns. [...] O tempo da revolução era compreendido como algo resultante da construção da vontade dos revolucionários, [...] a acelerar a entrada em cena das massas mobilizadas” (Arcary, 2004, p. 191). Como no *Ensaio sobre a cegueira*, em que a animalização humana chega aos seus mais atrozes limites, NÃO há, apesar de tudo, uma abdicação total da vontade de mudança, de transformação individual e social. Desse modo, no *Ensaio*, a revolução não faltou ao ensaio, mesmo

não concretizando em suas linhas a chegada do tão esperado tempo revolucionário.

Com as revoluções do século XX não concretizadas, o que perturba as previsões mais audaciosas do marxismo, a ideia de revolução fica à margem da experiência, sendo suspendida como uma espécie de enigma social a ser revelado no devido momento em que as condições revolucionárias se fizerem efetivamente presentes na sociedade contemporânea. Assim se percebe em outros desfechos dos romances saramaguianos que representam breves cenas de recíproca humanidade, convidando a ou incitando a transformação social. Tais curtas e conclusivas cenas, em que as personagens saramaguianas se mostram em condições de atingir uma nova etapa organizacional, são curiosamente proporcionais à pouca atenção dedicada por Karl Marx ao processo revolucionário em si.

Sobre esse ponto, Moreno ressalta que

[...] é preciso fazer formulações novas e [tratar das] muitas questões teóricas não trabalhadas, em aberto. Nós, que somos revolucionários, não possuímos nenhum tratado sobre a revolução. É algo incrível. Os únicos tratados que há no marxismo são sobre a economia. Nossa grande tarefa é a de fazer a revolução e não há nada sobre a revolução, nem sobre a política. Não há [...] nenhum tratado marxista sobre as revoluções e as reformas. É uma coisa a ser elaborada (Moreno, 1992, p. 78-80).

Diante dessa lacuna crítico-reflexiva no pensamento de Marx, para conduzir seus textos ficcionais à representação sutil de mudança social, o que se verifica mais explicitamente no conto “Coisas”, de *Objecto quase* (1978), José Saramago passa a elaborar uma série de conflitos ficcionalmente laboratoriais que desaguardam em desfechos incipientemente revolucionários que convidam seus leitores à transformação, estratégia de representação essa que o faz tecer, no

final, algumas curiosas cenas experimentais no mencionado conto de 1978: “[...], surgiu uma outra multidão de mulheres e homens nus, desentranhados do que fora a cidade. Desapareceram as peças de artilharia e de todas as outras armas, e os militares ficaram nus, rodeados pelos homens e pelas mulheres que antes tinham sido roupas e armas” (Saramago, 1994, p. 103).

Com efeito, nesse e em outros desfechos ficcionais criados por Saramago, uma comunidade natural se levanta do chão, surge libertada dos traumas decorrentes das mal-sucedidas lutas sociais do século XX, consideradas por muitos analíticos como revoluções prematuras (Arcary, 2004). Logo, em *Ensaio sobre a cegueira*, concluímos que Saramago nos indica cenas muito originais ao se deter, mesmo que brevemente, em transformações sociais inaugurais, indo além da marca distópica representada ao longo de todo o romance, marca que é tomada pela indisposição para se reorganizar ou mesmo pela inconsciência revolucionária das massas para lutar contra o poder dos sujeitos políticos.

Ensaio sobre a cegueira pode, portanto, ser lido como um romance que explora efetivamente as consequências de uma sociedade passiva, refém das classes dominantes que conseguiram desviar o furacão revolucionário surgido sucessivamente com as crises econômicas dos países centrais da década de 1930 (Alemanha, Espanha e França), as calamidades sociais da Segunda Guerra Mundial (França, Itália, Grécia) e a rebelião da nova geração entre 1968-78, circunstâncias que “não foram o bastante para radicalizar as massas para rupturas anticapitalistas” (Arcary, 2004, p. 194).

Sob a efígie da liberdade política e econômica, cristaliza-se a epidêmica cegueira na falsa ou cega democracia a ser percorrida pelas personagens do romance saramaguiano, que se mostram como “[...] cegos que podem ver, mas que não veem” (Saramago, 1995, p. 310). Todas as imagens de descrição da cegueira equivalem a chamadas

de atenção para a particularidade da enfermidade, associadas não só à brancura, mas a esta contradição significativa: “[s]e os meus olhos estão perfeitos, como diz, então por que estou eu cego” (Saramago, 1995, p. 10). Tal questionamento aponta para o que Marx dizia acerca das condições mínimas de lucidez que devem ser atingidas pela massa trabalhadora para vencer a alienação e iniciar a luta de classes.

Nesse sentido, as revoluções não podem ser feitas por cegos, ou seja, não podem ser realizadas em qualquer condição social, uma revolução não se efetivará em uma sociedade que não sente necessidade de mudança, vontade de ir além da epidêmica cegueira que nos aflige. As revoluções devem superar as cegueiras, contendo suas condições e temporalidades próprias, visto que dependem não somente da vontade dos sujeitos políticos, mas da disposição ou da lucidez dos sujeitos sociais:

[...]: a luta ‘cega, surda e muda’ das massas, em condições políticas adversas ou desfavoráveis, pela ausência do sujeito político coletivo, leva à dissipação das energias do ascenso muito rapidamente, e a oportunidade histórica da revolução se perde muito antes da precipitação da crise revolucionária. As massas podem passar da extrema atividade à prostração se, exaustas ou desmoralizadas, perderem a confiança em suas próprias forças, abrindo assim o caminho para que a classe dominante busque uma alternativa política pela direita, ou pela extrema-direita (Arcary, 2004, p. 76).

A vigência do prognóstico de uma “crise final” em Marx aparece no romance como um tempo perdido ou estendido, tornando breve ou quase nula a expectativa pelas revoluções que venham transformar o curso crescente e opressivo do capitalismo industrial que ainda perdura. Nesse sentido, a cada insurreição controlada, “as revoluções futuras vão se tornando, em um nível de análise, mais difíceis que as anteriores” (Arcary, 2004, p. 47), até restar no mundo seres cegos

e animalizados à deriva na imensidão de um mar branco, onde nada mais se repara ou se distingue da lei do mercado.

DA TERRA DE CEGOS À “COMUNIDADE NATURAL-ESPONTÂNEA”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter passado por uma gama de episódios de violência e degradação moral, a população de cegos não se rende, pois, mesmo que duvidassem de suas próprias forças ante a cegueira epidêmica, acabam por acumular novas experiências, “reorganizam-se sob outras formas e voltam à luta. As classes podem agir por um período maior ou menor contra seus próprios interesses, mas não podem renunciar definitivamente [...]” (Arcary, 2004, p. 221). Assim incita o narrador saramaguiano do romance, ao mostrar ao leitor que a cegueira pode nos impulsionar à lucidez, ou seja, à transformação social necessária para a qual nos dirige o romance: “tenho a certeza de que hoje não o diria, não há nada melhor para fazer mudar de opinião do que uma sólida esperança” (Saramago, 1995, p. 173).

Nesse sentido, no desfecho de *Ensaio sobre a cegueira*, o leitor se depara com uma espécie de resgate da experiência humana, mesmo após as situações extremas e desumanizadoras sofridas pelos cegos durante a epidemia e suas fases de clausura. Beirando a anulação de suas identidades, o final mostra, por outro lado, que a cegueira é um elemento fundamental para a reconstrução de um novo futuro, incita uma nova prática e uma nova organização sociais, sendo que “o carácter universal da reconfiguração do espaço, a visível incomunicabilidade e a geografia ficcional constituem o lugar de reflexão ideal para a temática da identidade social” (Baltazar, 2014, p. 235). É como se a compreensão ou a conscientização

das estruturas de aprisionamento físico e psicológico permitisse o desenvolvimento de um outro discurso e, conseqüentemente, de um outro mundo, onde não somente se problematizam as ques-

tões identitárias, mas se efetivam as passagens da desintegração para uma nova sociedade integrada política e ideologicamente (Baltazar, 2014, p. 235-236).

Por conseguinte, a configuração de um espaço abstrato e a incommunicabilidade entre as estruturas de poder político, econômico e social, que ao longo da narrativa do *Ensaio* se materializam em comportamentos cada vez mais repressivos, contribuem para atingir sua crise final superada pela reflexão sobre os aspectos identitários (Baltazar, 2014). Com um final que se torna “uma espécie de história de proveito e exemplo, com uma evidente mensagem não propriamente moral, mas civilizacional” (Real, 2020, p. 24), *Ensaio sobre a cegueira* extrapola sua narrativa para além de uma distopia, visto que o processo da cegueira como experiência de barbárie propiciou a reação do grupo protagonista de cegos perante o modo de existência que possuíam antes de cegarem, em regime da propriedade privada, sob o julgo de um estado “garantidor da propriedade, que decorre da tradição do liberalismo iluminista, terreno ideológico da burguesia” (Ferreira, 2022, p. 8).

Tal reação pode ser percebida mais claramente no romance apenas a partir do momento em que a cegueira chega ao seu limite, em que os cegos caminhavam como errantes pelas casas e pelos estabelecimentos abandonados, circulando pelas ruas destruídas da fictícia cidade:

na manhã seguinte ao incêndio, o grupo de cegos dirigiu-se ao centro da cidade, cujas ruas estavam completamente desertas e repletas de lixo, e as lojas praticamente todas trancadas. Todos haviam cegado. Em um diálogo entre a mulher do médico e um dos cegos, que agora organizavam-se em grupos em uma vida nômade de loja em loja, é revelado o novo modo de vida que se estruturou com a cegueira: Os que andam em grupo, como nós, como quase toda a gente, quando temos de procurar comida somos obrigados

a ir juntos, é a única maneira de não nos perdermos uns dos outros, e como vamos todos, como ninguém ficou a guardar a casa, o mais certo, supondo que tínhamos conseguido dar com ela, é estar já ocupada por outro grupo que também não tinha podido encontrar a sua casa, somos uma espécie de nora às voltas, ao princípio houve algumas lutas, mas não tardamos a perceber que nós, os cegos, por assim dizer, não temos praticamente nada a que possamos chamar nosso, a não ser o que levamos no corpo (...) (Saramago, 2017, p. 216).

Uma vez despossuídos e obrigados a irem juntos buscar comida, reativa-se a disposição para a solidariedade comunal, que passa a ser o novo princípio organizador da relação entre os cegos agrupados. E não se trata aqui apenas de um regresso a um estágio “menos desenvolvido” do progresso humano, mas da reconstrução de “uma organização social baseada em grupos (comunais), ou seja, uma espécie de novo organismo, isto se deve ao fato de conservarem o que há de mais essencial, (...) [que é] o conjunto das relações sociais” (Ferreira, 2022, p. 9). A sobrevivência do grupo protagonista está intimamente associada às relações sociais que emergem da cegueira que o aflige, assim, “o que a cegueira suscita não é a ruína do indivíduo como produto de um processo de individuação, desenvolvimento orgânico e social do sujeito, mas sim a ruína do individualismo, campo ideológico da reificação” (Ferreira, 2022, p. 9).

No final de *Ensaio sobre a cegueira*, “a cidade ainda ali estava” (Saramago, 1995, p. 310), possuidora de um futuro ainda em aberto. Nesse ínterim, “[t]anto a humanidade pode regressar à ‘horda primitiva’ como criar organismos e organizações sociais fundamentadas por valores éticos benignos, como a liberdade e a justiça social” (Real, 2020, p. 26). Para Saramago, a grande revolução seria a da bondade, “revolução que nos libertaria definitivamente da condição perniciosa em que vivemos”, admitindo que “o *Ensaio* nos revela essa certe-

za: a bondade é a característica que anima a existência da mulher do médico, mas está distante, ainda que num primeiro momento pareça servir de elemento modificador dos cegos do seu grupo, de uma coletividade” (Neto, 2020, p. 21). Para tanto, “a cidade ainda ali estava” à espera de um momento de transformação, prestes a iniciar um *Ensaio sobre a lucidez*.

Nesse sentido, o *Ensaio* de 1995 não quer apenas nos fazer aprender a conviver com a mais cruel das verdades e vislumbrar a nossa existência hobbesiana, pois, como diz a rapariga dos óculos escuros, “dentro de nós há uma coisa que não tem nome. É isso que somos” (Saramago, 1995, p. 162). Trata-se da busca empreendida pelo autor do romance a procura da bondade que colocará em xeque o mundo capitalista que nos cega: “é isso, também, que parece ser descortinado pelo médico [...], quando levanta a hipótese de os olhos que levou a vida a observar serem, eventualmente, ‘o único lugar do corpo onde talvez exista uma alma’ (*ibid.*: 135)” (Arnaut, 2014, p. 42).

Concordamos com Ana Paula Arnaut ao afirmar que

a redefinição utópica no desfecho desse romance, traduz um processo de (re)aprendizagem que começa e acaba no próprio ser humano. Para tal, há que acreditar na capacidade e no poder do Homem para lutar contra várias espécies de adversidades, de obstáculos e de violências (Arnaut, 2014, p. 42).

Tal percurso de (re)aprendizagem, mesmo que ainda lento e incipiente, passa, necessariamente, “pela construção de universos agônicos e caóticos que progressivamente consubstanciam a representação de um real que poderá vir a acontecer, [...]” (Arnaut, 2014, p. 42). Na opinião da mesma estudiosa,

a exposição crua e violenta do que de pior existe no ser humano [...], torna-se necessária, porém, para fazer sobressair a teoria que

defendemos: a conceptualização de um apocalítico real a vir reforçar a ideia de que o Homem se torna o centro, o local, o não espaço tornado espaço da própria utopia. Apesar de tudo, neste como em outros romances, a crença, a esperança, é na redenção da Humanidade. Não uma redenção religiosa, não poderia sê-lo, tratando-se de José Saramago, mas uma redenção humanista e humanitária. Por isso se permite, no romance de 1995, a recuperação progressiva do mal da cegueira branca, a do espírito; (...) (Arnaut, 2014, p. 43).

Ademais, é possível verificar, para além dos casos a que já aludimos, outros exemplos que deixam patente a assunção do poder das pessoas e a sua consequente procura “daquela coisa que não tem nome” a que podemos chamar de humanidade. Para representar esse processo, como já evidenciamos, Saramago, além de aproveitar a categoria marxiana de “capital”, muito provavelmente usufruiu da noção de “comunidade natural-espontânea”, que Karl Marx (2013) utiliza para caracterizar os momentos da história em que os homens trabalhavam apenas para suprir suas necessidades básicas, distantes do universo reificante das mercadorias.

Observemos, nesse ponto, que o aproveitamento filosófico promovido por Saramago em sua literatura ocorre de forma invertida, pois, enquanto em Marx (2013, p. 131) “a troca de mercadorias começa onde as comunidades terminam”, a exemplo das comunidades pré-capitalistas, para o ficcionista português a troca de mercadoria termina quando se inicia uma nova “comunidade natural-espontânea”. Em nossa leitura, trata-se essa inversão do processo de uma tentativa de Saramago representar um momento pós-revolucionário ou mesmo um percurso pós-capitalista, alimentando, com essa estratégia, breves cenas no fim do conto “Coisas”, nas páginas finais de *A jangada de pedra* e no final de *Ensaio sobre a cegueira*, entre outros desfechos que não abordaremos aqui.

Ao refletir sobre as sociedades livres de mercado, Marx retorna às origens da divisão do trabalho social e sua correspondente limitação dos indivíduos a esferas profissionais particulares, como ocorria em uma família ou tribo, e que passa a ocorrer com o grupo de cegos do romance saramaguiano, cujos componentes passam a viver de uma forma cada vez mais comunal. Trata-se de um momento em que surge “uma divisão natural-espontânea do trabalho [...], sobre uma base puramente fisiológica, que amplia seu material com a expansão da comunidade, [...]” (Marx, 2013, p. 293).

Com tal digressão, Marx retoma a sua sucinta reflexão desenvolvida no início do capítulo 2 de *O Capital*, em que reflete sobre os processos de troca que ocorreram antes da existência das mercadorias, em que “os membros de uma comunidade natural-espontânea (tinham) a forma de uma família [...]” (Marx, 2013, p. 131), a lembrar o grupo protagonista de *Ensaio sobre a cegueira*. Retomando esse ponto, no capítulo 12 da mesma obra filosófica, Marx ressalta que as “comunidades diferentes encontraram em seu ambiente natural meios diferentes de produção e de subsistência” diferenciando “seu modo de produção, seu modo de vida e seus produtos, [...]” (Marx, 2013, p. 293). Em outras palavras, “a lei que regula a divisão do trabalho comunal atua aqui com a autoridade inquebrantável de uma lei natural, [...]” (Marx, 2013, p. 297).

Nesse sentido marxiano, o que a transformação encenada pelo grupo de cegos revela, em última instância, é um processo de naturalização das “relações sociais reificadas do capitalismo, caracterizadas pela coisificação dos sujeitos, (que) concebe o sujeito burguês, individual e proprietário como modelo universal de ser humano” (Ferreira, 2022, p. 9). Portanto, a epidemia de cegueira que, em um primeiro momento, pode ser entendida como uma redução dos seres humanos aos seus mais atrozes instintos, expõe, na verdade, os moldes limítrofes que a racionalidade da sociedade industrial im-

põe como meio de vida, oportunizando, assim, a consciencialização desse processo. Desse modo, concordamos com Sandra Ferreira ao dizer que a cegueira parece “emular um castigo divino, uma ocasião de diagnóstico social e de mudança dos rumos daquela sociedade” (Ferreira, 2022, p. 9).

Com esse desfecho, temos no final de *Ensaio sobre a cegueira* a gênese de um novo organismo, com os múltiplos indivíduos que compõem o grupo de cegos:

[...], Enquanto puder, disse a rapariga dos óculos escuros, mantive a esperança, a esperança de vir a encontrar os meus pais, a esperança de que a mãe deste rapaz apareça, Esqueceste-te de falar da esperança de todos, Qual, A de recuperar a vista, Há esperanças que é loucura ter, Pois eu digo-te que se não fossem essas já eu teria desistido da vida, [...] (Saramago, 1995, p. 290).

A história dessa sociedade que não desiste de se reorganizar, ou seja, a sociedade reconstruída com “o retorno da visão é objeto de outro romance do autor, o *Ensaio sobre a lucidez*, [...]” (Ferreira, 2022, p. 9). Portanto, na diegese da literatura saramaguiana, a primeira ação propriamente lúcida de uma comunidade só ocorre anos depois com a epidemia de votos em branco, espécie de consciencialização em massa de que a “luz de menos não nos faculta evitar o obscurantismo; luz de mais impede-nos de distinguir para além da totalidade branca” (Chauvin, 2020, p. 24).

Contrapondo a cegueira e a lucidez sob uma perturbadora cor branca, Saramago apresenta a marca de seu ressentimento crítico, consequência de uma revolução social falhada ou enganosamente permitida, luminosidade que “se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas”:

chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência de luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro. Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis (Saramago, 1995, p. 15-16).

Ao refletir sobre os excessos da razão ou mesmo sobre a falta de lucidez, o romance saramaguiano nos alerta sobre o compromisso de reparar no que nos cerca e nos faz humanos: “[...] visto que, ao final, [...], a cegueira não era viver banalmente rodeado de trevas, mas no interior de uma glória luminosa” (Saramago, 1995, p. 94). E assim *Ensaio sobre a cegueira* se apresenta, segundo Miguel Real, como um romance ensaístico ou filosófico: “deste modo, a história narrada oculta voluntariamente uma indagação e um tema ensaístico de natureza filosófica. Ou, dito de outro modo, em *Ensaio sobre a cegueira* a literatura serve de armadura estética a uma inquirição conceptual” (Real, 2020, p. 23-24).³

Diante desse *Ensaio*, outras epidemias se expandem. Fica, em seu desfecho, o convite para que nós, leitores, exploremos nossa capacidade de reparar, diagnosticar e solucionar o mal que nos aflige e

³ “*Ensaio sobre a Cegueira* (1995) completa esta viagem de libertação política, ideológica e social através de um exercício de autognose em forma de literatura de denúncia, em que ocorre o resgate da experiência humana através de situações de epidemia e prisão sugerindo uma epifania de cariz político. A análise destas obras permite discutir a anulação da identidade como elemento fundamental para a construção de uma ideologia e procurará evidenciar a convergência do espaço literário, cultural e político como questionadores de uma identidade social” (Baltrusch, 2014, p. 25).

que nos levará, se é que já não nos levou, a uma irreparável cegueira humana. Temos com este *Ensaio*, por fim, uma cegueira que não se dá pela falta, mas pelo excesso de informação, de consumo e de violência, sintomas que posicionam tal obra literária na tradição dos romances distópicos que marcou o século XX e continua a marcar o XXI, convidando-nos a uma pouco provável mudança que deve recommençar sob o nosso modo de encarar o mundo e o outro.

RECEBIDO: 29/06/2025

APROVADO: 05/10/2025

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando. *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARCARY, Valério. *As esquinas perigosas da História: situações revolucionárias em perspectiva marxista*. São Paulo: Xamã, 2004.

ARNAUT, Ana Paula. José Saramago: da realidade à utopia. O Homem como lugar onde. In: BALTRUSCH, Burghard (ed.). “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Berlin: Frank & Timme, 2014. p. 31-52.

BALTAZAR, Raquel. Sobre a convergência do espaço literário, cultural e político como questionador de uma identidade social em José Saramago. In: BALTRUSCH, Burghard (ed.). “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Berlin: Frank & Timme, 2014. p. 227-240.

BALTRUSCH, Burghard. Apresentação - “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia” – sobre utopia e ficção em José Saramago. In: BALTRUSCH, Burghard. (ed.). “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Berlin: Frank & Timme, 2014. p. 9-17.

CHAUVIN, Jean Pierre. Dialética da cegueira. *Revista de Estudos de Cultura*, v. 5, n. 13, p. 21-38, jan-abr. 2020.

FERREIRA, Sandra Aparecida. Não há cegos, há cegueira: reflexões acerca do capitalismo tardio em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. *Navegações*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 1-10, 2022.

- LUCAS. O evangelho de São Lucas. In: *A BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 613-630.
- MARX, Karl. *O Capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. v. 1.
- MORENO, Nahuel. *Crítica a las tesis de la revolución permanente de Trotski*. Buenos Aires: Ediciones Crux, 1992.
- NETO, Pedro Fernandes. Da ética saramaguiana. In: NETO, Pedro Fernandes (org.). *Peças para um ensaio*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020. p. 15-22.
- REAL, Miguel. Ensaio sobre a cegueira. Um ensaio ficcional ou uma ficção ensaística. In: NETO, Pedro Fernandes (org.). *Peças para um ensaio*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020. p. 23-26.
- SARAMAGO, José. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa: Caminho, 1983.
- SARAMAGO, José. *Objecto quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote I*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: INCM, 1999.
- TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. 2. ed. Lisboa, Edições Unipop, 2012.
- VIEIRA, António. Sermão da sexagésima. In: VIEIRA, António. *Sermões Escolhidos*. São Paulo: Edameris, 1965, v. 2. p. 1-122.

MINICURRÍCULO

DANIEL VECCHIO é Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde foi pesquisador do CNPq. Foi pesquisador de Pós-Doutorado em Letras Vernáculas-Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com bolsa da FAPERJ / Pós-Doutorado Nota 10. Tem produzido teses e publicado artigos sobre a obra literária de José Saramago com base na pesquisa do espólio do escritor alojado na Biblioteca Nacional de Portugal e na Fundação José Saramago.